



Universidade de Brasília  
Instituto de Letras - IL  
Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL  
Língua Portuguesa e Respectiva Literatura - Bacharelado

ISABELA LIMA DE ALMEIDA

**Depois daquela viagem: discussões sobre realismo, autobiografia e AIDS**

Brasília  
2023



Universidade de Brasília  
Instituto de Letras - IL  
Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL  
Língua Portuguesa e Respectiva Literatura - Bacharelado

ISABELA LIMA DE ALMEIDA

## **Depois daquela viagem: discussões sobre realismo, autobiografia e AIDS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharelado em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cláudia da Silva.

Brasília  
2023

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho às pessoas que gosto, aos livros que li e a um certo site de sinônimos.

## **AGRADECIMENTOS**

Antes de tudo, gostaria de agradecer à minha família. Em especial aos meus pais por acreditarem em mim mais do que eu mesma, ao meu irmão por me mostrar que a vida é um susto e um choro atrás do outro, mas é boa de se viver mesmo assim, e agradeço a minha irmã simplesmente por ele ser minha alma gêmea.

A todos que conheci na UnB. Amigas, colegas de curso, professores, conhecidos de corredor e amores. Todos de certa forma são importantes para mim e sem vocês tudo teria sido diferente.

Às minhas amizades de longa data e aos novos amigos também.

No geral, agradeço àqueles que me permitem ser eu mesma.

*“Quando largamos o medo, podemos aproximar-nos das pessoas, podemos aproximar-nos da terra, podemos aproximar-nos de todas as criaturas celestiais que nos rodeiam.”*

(bell hooks)

## RESUMO

A obra autobiográfica *Depois daquela viagem* de Valéria Piassa Polizzi abre espaço para muitas discussões dentro da literatura juvenil quando a encaramos como ferramenta humanizadora. Sendo assim, pretende-se abordar aqui o papel da literatura e a formação do leitor, passando pela defesa do realismo em obras destinadas aos jovens. Em sequência, outra proposta do trabalho é apresentar a linha tênue entre ficção e realidade, tendo como objeto de estudo a biografia, em especial a autobiografia, e como ela aparece no Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018. Também está presente a análise da obra em si, abarcando aspectos da epidemia do HIV.

**Palavras-chave:** Literatura juvenil, Realismo, Autobiografia, HIV/AIDS, PNLD.

## **ABSTRACT**

The autobiography work *After that trip* (Original Portuguese title: *Depois daquela viagem*), the book by the author Valeria Pissa Polizzi launches the gap for various discussions inside youth literature when it aims to be a humanized tool. First, this respective paper investigates the literature's role and reader development. It was building a starting point from realism advocates in work productions with youth as its primary target audience. Consequently, the second objective of this paper is to present the fine line between fiction and reality. The object of study is the biography, especially the version available on PNL D 2018. The study has always been the book analysis and the HIV epidemic aspects.

**Keywords:** Youth literature, Realism, Autobiography, HIV/AIDS, PNL D.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CAPÍTULO I.....	11
3. CAPÍTULO II.....	17
4. CAPÍTULO III.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40



## 1. INTRODUÇÃO

A literatura é uma manifestação universal, oral ou escrita, e é uma ferramenta fundamental para instrução e educação que nos atinge no nível intelectual e afetivo. Além disso, “ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade” (CANDIDO, 2004, p. 178).

Então, quando pensamos em literatura infantojuvenil, é natural que a discussão sobre a formação do leitor se instale, bem como a discussão acerca do conteúdo com os quais crianças e jovens têm contato e quais marcas as leituras feitas deixam em suas vivências. Também é possível levantar questões em relação aos projetos que incentivam o acesso e o hábito de leitura e, claro, o papel que a escola tem para a formação, não só de um leitor, mas de um cidadão.

No âmbito da literatura infantojuvenil, alguns estudiosos, como Zilberman, acreditam que a fantasia está incorporada a essa literatura desde sua origem e que ela é um “componente indispensável do texto dirigido à infância” (2003, p. 37). A justificativa é de que, para trabalhar obras de cunho realista, é necessário um conhecimento prévio de mundo que não é inerente ao receptor mirim. Dessa forma, a fantasia é um meio pelo qual é possível abordar questões do mundo real de forma adaptada, permitindo ao leitor uma reflexão inicial sobre diversos temas.

No entanto, por meio de uma pesquisa bibliográfica, este trabalho visa elaborar questões que defendem o realismo dentro da literatura infantojuvenil, em especial da literatura para jovens. Porém, de forma alguma, o trabalho tem como intenção hierarquizar gêneros literários, muito menos criar dicotomias. Acredita-se que é possível abordar a realidade tendo ela mesma como objeto de trabalho e que, assim como a fantasia, concede ao público a leitura da palavra e a leitura do mundo.

Posto isso, o Capítulo I é composto por um relato em que são trabalhadas questões pessoais de formação de leitor, assim como o que é ser um leitor. Neste capítulo abordo minha trajetória e apresento como a literatura realista foi importante para a minha constituição enquanto sujeito consciente e aberta para os diferentes contextos de vida, pois sem a literatura eu nunca teria a chance de ter contato com novas realidades e perspectivas. Por fim, destaco um livro autobiográfico lido em minha pré-adolescência: *Depois daquela viagem*, o principal pretexto para esta monografia.

Em seguida, no Capítulo II, é traçado um trajeto teórico sobre papel da literatura, formação do leitor e literatura infantojuvenil. Logo depois entra-se no ponto fundamental que é a discussão sobre realismo e ficção, evidenciando a escrita (auto)biográfica e o compromisso que ela tem tanto com o leitor, quanto com a vida e a realidade sobre o qual é escrita. Além disso, um ponto relevante deste capítulo é discorrer sobre a possibilidade de se escrever uma obra em que não há nenhum resquício de ficcionalização.

Também é abordado o papel da escola na apresentação de temas como AIDS e o PNLD Literário 2018, do qual a obra *Depois daquela viagem* fez parte.

Já no Capítulo III, a obra escolhida é detalhadamente analisada. Sendo assim, são colocadas questões sobre AIDS, dando evidência ao contexto que a escrita Valéria Piassa Polizzi traz para o leitor: uma jovem hétero, de classe média que se descobre soropositiva nos anos 1990. A partir disso são apresentados tópicos sobre como a AIDS aconteceu e suas implicações na esfera social.

Em conclusão, é novamente defendida a literatura como ferramenta humanizadora e o papel relevante que a escola possui. Elucida-se a relação entre realidade, ficção e memória para reafirmar a importância de trabalhar (auto)biografias dentro da literatura juvenil como forma de dar espaço para vozes marginalizadas e explorar diferentes realidades, a fim de ampliar o conhecimento de mundo do leitor.

## 2. CAPÍTULO I

Acima de tudo, acredito que o leitor é aquele que sente prazer no simples ato de ler. Não é aquele que tem uma coleção enorme de livros em casa, o que lê trezentos livros por ano, nem que se gaba por conhecer todos os clássicos desse ou daquele país ou período. O leitor é a pessoa que sabe desfrutar do andamento de palavras e linhas de texto, por mais que algumas leituras sejam obrigatórias às vezes. Ele é a pessoa que sabe tirar proveito, não só do ato de ler, mas também do que foi lido; para bem ou para mal, ele sabe como levar consigo um pedaço do texto lido (até mesmo esquecimento, porque isso também pode fazer parte da experiência).

Acho que dizer o que um leitor NÃO É acaba sendo mais fácil do que dizer o que ele realmente é, porque existem muitas formas de ser leitor. Pois bem, o leitor, definitivamente, não é o suprasumo do conhecimento, não é a pessoa mais “cult” da sala, não é um ser que vive em uma caverna sem amigos, não é a pessoa que só usa linguagem rebuscada e escreve sempre formalmente. É apenas o que lê o que lhe proporciona satisfação e eu me identifico com isso.

É claro que agora, caminhando para o fim do curso, tenho dentro de mim duas leitoras muito diferentes. Desde 2017, ano em que entrei na faculdade, venho construindo saberes que me possibilitam fazer uma leitura crítica dos textos, porém, essa prática profissional de leitura muitas vezes vai de encontro a minha outra persona leitora, bem menos ponderada e exigente. Essas duas personas se encontram quando é preciso ler um romance no qual não estou nem um pouco interessada, mas, por motivos profissionais e acadêmicos, faço um esforço a mais para ir até o fim da leitura; também se encontram quando estou lendo uma bela “farofada” e me pego elaborando diversas teorias, ligações e críticas.

Dito isso, admito que gosto muito da forma como as duas convivem. Me divirto, me conecto com inúmeras emoções, aprendo ou simplesmente não aprendo nada (e tudo certo com isso). É bonito pensar nessa monografia sendo uma possibilidade de refletir sobre minha trajetória e nos frutos que colho todos os dias com minhas leituras.

O primeiro livro que li foi Poesias para Crianças quando eu tinha uns 6 ou 7 anos. Ele traz vários temas nas poesias, como amizade, cidadania, animais de estimação, família, letras e planetas. Além dos vários desenhos (os quais incluem a diversidade racial), apresenta algumas atividades que aguçaram ainda mais meu prazer em lê-lo. Lembro que, ao mesmo tempo em que lia esse livro, meu irmão mais velho estava sendo obrigado a ler uma

adaptação de Dom Quixote. O combinado feito com a minha mãe era de que ele teria que ler um tanto x de páginas para poder brincar na rua. No final das contas, hoje ele está traumatizado com esse livro e nunca mais leu nada de ficção, na verdade só leu os livros da faculdade e uma ou duas biografias. E, ao contrário dele, com aquele livro de poesias, vi um mundo novo se abrindo para mim; nunca foi preciso me obrigar a ler, muito pelo contrário.

Estudava em uma escola particular pequena na Ceilândia em que o hábito da leitura era muito incentivado. Todo começo de ano nós ganhávamos uma sacola desse projeto de leitura para podermos pegar um livro na biblioteca e guardá-lo com segurança. Além disso, alguns escritores eram chamados para irem lá de vez em quando; me lembro da Eva Furnari, acho que o Ziraldo também e, já mais crescida, a Thalita Rebouças.

Ao mesmo tempo em que lia os livros da escola, também lia os livros que eu ganhava dos meus pais e de colegas deles. O livro que mais li na minha infância foi provavelmente Marcelo Marmelo Martelo da Ruth Rocha e também li muitas vezes uns pequenos livros do Menino Maluquinho, fora aqueles livros baratinhos da editora Ciranda Cultural. Mas nada se compara aos gibis da Turma da Mônica, eu devorava todos como se minha vida dependesse daquilo. Todo domingo eu ia com meu pai até a banca de jornal para comprar alguma edição da Picolé e pelo menos um gibi.

É uma pena eu não lembrar de cor todos os títulos que li. Boa parte da minha infância foi bem solitária e, parando para analisar, acredito que esse foi um dos motivos para eu ter mergulhado no mundo literário desde cedo. Precisava manter minha mente ocupada e também precisava ter o controle de alguns mundos, já que o meu real não era tão receptivo. Dessa forma, talvez o ato de ler tenha se tornado mecânico por ser um refúgio imediato, o que faz com que eu não me lembre direito.

Me recordo apenas de algumas fases que tive. A primeira foi a poesia junto dos gibis e almanaques, mas eu ainda lia livros como Pérola e Poli e os outros já citados. Depois de mais crescida comecei a me interessar por “chick lit” infanto juvenil, como As Regras da Hora do Recreio, a coleção Fala Sério, Diário da Princesa e Querido Diário Otário, sem contar a Turma da Mônica Jovem (que praticamente formou meu caráter por anos).

Desde cedo me interessei por histórias que têm mulheres (ou meninas) como protagonistas, até hoje ainda gosto de como elas eram danadas e não seguiam as normas. Em As Regras da Hora do Recreio a protagonista decide que ela iria sim jogar futebol no recreio, não importava se ela era menina e isso para mim foi mágico, um momento de revelação,

quase. Na coleção Fala Sério eu amava observar a Malu crescendo e esperava passar pelas fases que ela passava, já que os capítulos do livro são por idade.

Infelizmente, neste primeiro e segundo momento, eu não tive contato com histórias escritas por pessoas pretas e vi poucos personagens que se pareciam comigo. Lembro que escolhi Pérola e Poli na livraria apenas porque tinha uma fadinha preta e isso era inédito, meus olhos brilharam, e no meu livro de poesias sempre admirei a diversidade que havia nos desenhos. Desde criança meus olhos conseguiam identificar essas questões, mas chegou um momento em que os livros que eu lia não tentavam demonstrar nada além do mundo branco e eu acabei aceitando o que tinha.

Continuando a falar das minhas fases. Houve uma época em que eu queria muito ler livros de suspense, também juvenis. A biblioteca da minha escola havia alagado na época de chuva e alguns livros estavam com cheiro de mofado e eu achava um máximo ler livros de terror com aquele cheiro, era um ingrediente a mais para a narrativa. Lembrando que, mesmo nessas fases, nunca abandonei Turma da Mônica Jovem.

Como nunca fui uma aluna exemplar, vez ou outra tirava notas baixas simplesmente porque deixava de estudar para ler e meu castigo passou a ser a privação da leitura, em especial dos gibis. Uma vez passei tantos meses sem eles que, quando os recebi de volta, eles já tinham perdido a graça. E foi assim o começo do meu declínio de leitora. Eu já não era mais a pessoa que batia os próprios recordes na biblioteca.

E foi assim que, durante meus três anos de ensino médio, praticamente não li nenhum livro, nem os que eram obrigatórios nas provas da escola e nos vestibulares. Não havia interesse da minha parte e era muito mais legal ficar no WhatsApp e no Snapchat com meus amigos.

Não foi tão ruim assim, mas acho que poderia ter aproveitado melhor meu tempo livre lendo do que na tela. Lembro que li a coleção de Os Karas, Diário de um Banana, A Seleção, Azar o Seu, Como Quase Namorei Robert Pattinson, uns livros com frases diárias e quase todo Harry Potter. E não posso esquecer das fanfics! Para falar a verdade, só li uma, que envolvia One Direction e espionagem, não li mais porque achava as histórias muito absurdas e a escrita era muito amadora também, já que eram pessoas da minha idade que escreviam. Hoje em dia eu admiro esses escritores e espero que eles tenham continuado a escrever.

Para resumir, entrei na faculdade sem nunca ter lido um clássico na vida. No ensino fundamental minha professora de literatura até tentava nos fazer ler alguns contos clássicos, principalmente Machado, mas sempre líamos um resumo na internet pelo puro medo de não entender o texto integral. Era muito para nossa cabeça e, para falar a verdade, ainda tenho medo de *O Alienista*. Nunca li, mas sei a história.

Até pouco tempo atrás eu pensei que poderia dizer “nunca li mas sei a história toda” porque, depois de refletir, percebo que a experiência de saber a história e ler a história são muito díspares e tenho alguns exemplos disso. Pegando o próprio Machado de Assis, desde o ensino fundamental tenho contato com *Dom Casmurro* e, a partir do que foi apresentado em sala de aula, conheço a história do homem ranzinza que conta suas memórias e narra a suposta infidelidade de sua esposa; aquela velha pergunta: traiu ou não traiu?

No entanto, apesar de ser um livro que sempre esteve na minha estante, só o li aos 20 anos e a experiência de realmente ler cada palavra posta pelo autor, não mais resumos da internet ou boca a boca, fez com que eu entendesse o valor que essa obra tem. O mesmo vale para *O Cortiço*: uma história sobre pobreza e desigualdade que tem como plano de fundo um cortiço no Rio de Janeiro. Sendo uma das minhas obras favoritas, não acredito que resumo algum consegue expressar o que o Aluísio Azevedo escreveu; não é possível dizer em um resumo as nuances da narrativa, tão pouco passar as mais diversas sensações que o leitor sente. Só saber a história não é suficiente, não para mim.

A questão é que esse medo de não entender e de “conhecer, mas não conhecer” as obras me perseguiu até a faculdade. Observava alguns alunos participando das aulas e me sentia muito burra por não ter o repertório deles, não sabia quem era fulano que escreveu tal coisa no século tanto. Assim, por quase dois anos eu lia o que tinha que ser lido e só, estava tão afoita em acompanhar meus colegas que não tinha paciência para minhas leituras pessoais. É claro que tive prazer em algumas leituras obrigatórias e as guardo na memória com carinho, como *Os Lusíadas*, *Antígona* e *Iaiá Garcia*.

Só em 2019 determinei que iria ler mais livros, voltar aos velhos costumes. Li de tudo nesse período: clássicos, livros sobre moda, clichês, não ficção, romances de países africanos e conheci o afrofuturismo. Desde então tenho me esforçado para manter esse hábito, diversificando cada vez mais minhas leituras e buscando ler o que eu acho que vou gostar, não o que está na moda ou o que “tenho que ler porque sou estudante de Letras”.

Muitas das minhas leituras atuais são um reflexo da minha infância. Exemplo disso é o afrofuturismo, com o qual só tive contato na faculdade e onde encontrei a porta que me levaria para o mundo que busquei quando criança: um mundo onde pessoas pretas são protagonistas. Aprendi com o afrofuturismo a delicadeza dos elementos alegóricos das ficções especulativas e comecei redescobrir a realidade, pensar na ligação de passado e futuro.

Esse movimento literário amadureceu de tal forma meu entendimento do mundo, que me fez perder o medo de ler certos clássicos da ficção científica, muitos dos quais eu “sabia, mas não sabia” sobre. Como exemplo dessa minha descoberta posso citar Frankenstein, romance do qual eu sempre ouvia falar ou lia em livrinhos de terror; conhecia o monstro horripilante e feio que matava pessoas e apenas isso. Foi só depois da leitura do livro que entendi a profundidade e a beleza da narrativa construída pela Mary Shelley. O afrofuturismo que me possibilitou ter uma visão mais aprofundada desse tipo de história.

Ainda como reflexo das minhas leituras de infância, descobri que gosto de histórias em que a vida só acontece, como *Becos da Memória*, *Um defeito de cor*, *Maria Altamira*, *Torto Arado*, *Kim Jiyoung*, nascida em 1982. Todas essas histórias são muito dramáticas e reais, totalmente meu estilo. Me fazem pensar na vida, refletir sobre o que está acontecendo com o mundo e o que nos fez chegar até aqui; mas continua sendo uma delícia de ler, poético e bonito.

A prática de refletir sobre o mundo que vivemos através das minúcias da literatura é muito importante para mim e acredito que esses livros de vida acontecendo conseguem expressar bem a relação antiga da arte e da mimese.

Portanto, sou uma leitora. Sou inconstante, leio livros de qualidade duvidosa de vez em quando (que não são nem vistos pela crítica tradicional), não li todos os clássicos, tenho o costume de tirar uma sonequinha depois de cada capítulo, sou dispersa, baixo livro pirata porque comprar livro está muito difícil e eu me recuso a parar de ler, quando leio uma palavra desconhecida eu ignoro, não lembro nome de personagem e a maioria das minhas críticas são baseadas na junção das minhas duas personas literárias, mesmo que, às vezes, uma seja dominante. Porém, acima de tudo, eu sou uma leitora em processo de formação.

Então, sendo essa monografia um trabalho-espelho de mim, decidi reunir aqui pedaços de alguns traços literários que adquiri nos meus 19 anos como leitora — paixão por personagens femininas, sensibilidade para pautas sociais e histórias de vida acontecendo —

para falar de um livro que me marcou muito: Depois daquela viagem de Valéria Piassa Polizzi.

Com ele pretendo abordar a relevância que o realismo, já que se trata de uma obra autobiográfica, tem dentro da literatura juvenil junto de todas as discussões que circundam essa história: sexualidade na adolescência, relacionamento abusivo, desigualdade social e o contexto histórico e social da AIDS no Brasil.



### 3. CAPÍTULO II

Antonio Candido (2004) chama de literatura toda criação “de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura” e diz que essa manifestação é produto de impulsos próprios, bem como crenças e sentimentos. A partir disso, Candido, se comunicando com Freire (1982), aponta um dos níveis humanizadores da literatura: o momento em que as palavras são tiradas de um nada e colocadas em um contexto, o qual se comunica com nosso espírito. Conseqüentemente, isso leva à organização de nós mesmos e depois à organização do mundo que, segundo Freire, seria a leitura da palavra para a leitura do mundo.

Por ser um produto histórico-social, a literatura “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004). Segundo Dalcastagnè:

O significado do texto literário – bem como da própria crítica que a ele fazemos – se estabelece num fluxo em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas, e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto. Ignorar essa abertura é reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e hierarquização social, deixando de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 12).

Esse caráter contraditório faz parte do processo de humanização, no qual existe “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (CANDIDO, 2004). Por isso a literatura é um passo importante para que nos tornemos compreensíveis e receptíveis ao que nos cerca.

Para Lucáks, a literatura é fundamentada na sua função política, contribuindo para a formação da consciência do indivíduo e, apesar de Candido apresentar que há um certo nível de “conhecimento intencional” na literatura — em que o autor injeta no texto suas intenções ideológicas —, ele traz a reflexão de que nem toda produção literária tem função edificante, sempre há um equilíbrio social, pois, a humanização também está no “fazer viver” advindo da literatura.

A leitura, não apenas de literatura, mas de revistas ou folhetos por exemplo, é necessária para o desenvolvimento do pensamento a partir do momento em que as mais diversas informações abrem caminho para a leitura do mundo e para o exercício do

discernimento (SOUZA, RICETTI, OSTI, 2009). Dessa forma, é importante reconhecer o ato de ler como a ferramenta que possibilita

o dialogismo entre autor e leitor, revelando uma nova visão extremamente rica, abrindo espaço para a subjetividade para a expansão da criatividade, incentivando a leitura coletiva e, conseqüentemente, a interação entre os homens. (RAIMUNDO, 2007, p. 108)

É por meio da competência da leitura que é possibilitada ao indivíduo a ampliação de seu conhecimento e o incentivo ao pensamento crítico, bem como auxílio na expansão de seu vocabulário e desenvolvimento da escrita. Além disso, é por intermédio dela que há a execução plena da cidadania, pois, como coloca Martins (1988, p.17), “dá-nos a impressão de o mundo [está] ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura.”

Sendo assim, existe uma relação de troca entre o que é lido e o leitor. Ao passo que a leitura amplia o entendimento e noção do leitor, ele incorpora a ela seus conhecimentos e experiências prévias, complementando o texto com sua subjetividade oriunda de um processo sócio-histórico específico.

De acordo com Martins (1988), três níveis básicos de leitura mantêm a virtude do ato de ler, são eles: sensorial, emocional e racional. O primeiro, sensorial, como próprio nome diz, entende o livro como um objeto dotado de formas, cores, texturas e cheiros; ele é crucial para o amadurecimento dos cinco sentidos (olfato, tato, paladar, audição e visão) durante a leitura e corrobora para integração leitor-texto. Esse nível ocorre, preferencialmente, na infância e, para Zilberman (2003), desempenha o papel de primeiro contato sistemático com a realidade, como teorias especulativas.

Seguindo, o segundo nível, emocional, é aquele que desperta algum tipo de sentimento no leitor. É nele que se manifesta capacidades como a empatia, a qual se caracteriza por ser a conexão consciente com o que é lido, permitindo que haja um aprofundamento ainda maior nos efeitos que o autor pretende causar; não necessariamente se colocar no lugar do outro e sentir os mesmos sentimentos, apesar de também ser uma possibilidade.

Por fim, o nível racional leva o leitor na busca da percepção da realidade entregue no texto, é o momento de ordenar as vivências, refletir sobre as relações e interseccionalizar questionamentos acerca do mundo e de si mesmo. Então, é válido dizer que nenhum desses níveis existem isoladamente, pode ser que haja momentos de prevalência, mas a própria

condição humana pela procura de sentido faz com que seja muito difícil ter apenas um tipo de leitura. (MARTINS, 1988).

Um exemplo disso é o primeiro nível, em que o interesse se dá pelo fator sensorial e evolui para os níveis emocional e racional. Vieira (2004) acredita que as leituras sensorial e emocional, dentro do ambiente familiar, ocorrem juntas e que esse estímulo facilita o aprendizado da leitura. Posto isso, ela aponta a realização de leituras para as crianças e Martins, a relevância do uso de ilustrações neste primeiro acesso como forma de criar um vínculo especial entre a criança e o objeto-livro.

Zilberman (2003) também fala de como a ilustração agrega ao texto literário destinado às crianças e ainda estende a ideia para o âmbito da forma e do conteúdo. Segundo ela, o livro infantil não faz distinção de forma — podendo ser prosa, poesia, conto, novela —, assim como não possui um tema específico. A literatura infantil passeia por diversos campos, ela “escorrega livremente da realidade para o maravilhoso” e “admite modalidades próprias, como o conto de fadas ou a história com animais”, sendo a fantasia um elemento substancial.

A fantasia nesse contexto aparece como recurso compensatório pois “ela ocupa as lacunas que o indivíduo necessariamente tem durante a infância, devido ao seu desconhecimento do real; e ajuda-o a ordenar suas novas experiências, frequentemente fornecidas pelos próprios livros” (ZILBERMAN, 2003, p.36). Dessa forma, a literatura realista para crianças é dada como incerta, “já que não pode se dar um questionamento sobre as raízes dos problemas examinados, nem sugeridas propostas de solução” (id, p.131- 132).

No entanto, não seria correto usar tal colocação como regra, principalmente se tivermos em perspectiva a literatura juvenil, uma vez que o público leitor já tenha traçado parte de sua subjetividade e construído uma bagagem de mundo mais amadurecida, diferente do leitor infantil.

Distante de ter sido anulado do repertório juvenil, o mundo fantástico, com a expansão do mercado voltado para jovens, passou por um processo de revisão. Desde a consolidação do quarto ciclo da literatura infantojuvenil brasileira na década de 1980, houve uma inversão dos conteúdos até então produzidos; assim como a imagem da criança, não mais vista como passiva e sim como inovadora. A partir disso, um novo olhar também caiu sobre a fantasia, com a reinvenção irônica de personagens e recontos de histórias clássicas, por exemplo. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1985).

Concomitantemente, outras narrativas foram sendo criadas, tematizando a “pobreza, miséria, injustiça e marginalidade, o cenário urbano [passou] a ocupar o lugar central da narrativa infantil contemporânea” (id., p. 140). Ou seja, ao mesmo tempo que se redescobre o fantástico, há uma necessidade de abordar a realidade; fora as atualizações que se estenderam para o campo da metalinguagem e da intertextualidade, rompendo com a poética tradicional.

Para Colomer (2003), as narrativas passam a “encarar os problemas, do que em ocultá-los” (COLOMER, 2003, p. 257). Sendo assim, em sua pesquisa ela constata certas tendências da narrativa juvenil que auxiliam nessa mudança, como a introspecção psicológica, onde a narração mais intimista dá ao personagem uma voz própria e permite que o leitor tenha acesso às suas reflexões. “Temas sociais próprios da sociedade moderna” (id., p. 283), com pouca ou nenhuma tradição na ficção infantil e juvenil” (id., p. 282) também são produzidos com mais frequência e, a partir disso, entram no circuito de narrativas com um maior tom de denúncia social.

Outro aspecto temático inovador, decorrente dos interesses do público adolescente e jovem adulto

têm sido o conhecimento do próprio corpo, as relações sociais, afetivas, amorosas e sexuais, as dificuldades de relacionamento em família e com amigos. Publicações recentes tratam de preconceitos raciais, sexuais, de gênero, sociais, financeiros; de problemas em família, separação dos pais, abuso sexual, dificuldades de diálogo, disputas entre irmãos; de iniciação sexual, gravidez e aborto, da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis; de crianças e adolescentes em situação de rua, de problemas políticos etc. (LEAHY-DIOS, 2005, p. 40)

Apesar do jogo de ambiguidade com a realidade, que é a reelaboração da ficção especulativa, Colomer aponta que existe uma inclinação para que temas considerados socialmente censurados ou duros demais para lidar, sejam trabalhados com um viés mais realista, sem os artifícios da fantasia.

A questão aqui não é incitar uma discussão que coloque realismo e fantasia dentro de uma dicotomia maniqueísta; não existe maneira certa ou errada, melhor ou pior de se fazer literatura. Tanto um quanto outro possuem técnicas que contemplam as novas demandas da literatura infantojuvenil e cumprem a sua função humanizadora, trabalhada por Candido. Portanto, o objetivo é compreender como o realismo agrega à criação literária e qual o percurso foi feito para que ele se estabelecesse hoje enquanto método.

Posto isso, o Realismo se inicia na França no século XIX como o filho de profundas transformações históricas associadas ao estabelecimento do sistema capitalista, em que a

aristocracia perdeu seu prestígio e a burguesia veio a ocupar esse posto. Dessa forma, tanto na literatura, quanto na pintura, a arte desse período se preocupou em retratar essa nova classe e realidade social, fazendo “oposição a assuntos ligados a lendas ou feitos heróicos da aristocracia, que alimentavam as narrativas anteriores” (PELLEGRINI, 2020, n.p).

Em suma, o Realismo só pode ser instituído em uma sociedade em que emergentes discussões vinham à tona, como o fim da escravatura e o surgimento do socialismo nos países em que o capitalismo era mais avançado, além do progresso de diversos domínios de saber, tal como a biologia e a psicanálise. Somado a tudo isso, o desenvolvimento da imprensa teve um papel fundamental para que o mercado literário atingisse outras proporções quando passou a ser consumido por uma classe que pretendia se distanciar das idealizações aristocráticas.

Segundo Pellegrini, sempre existiu na literatura a ânsia de expressar e se apoderar da concretude da vida e que esse desejo se manifestou de maneiras e intensidades diferentes no curso histórico até que fosse possível dar um nome para esse fenômeno: Realismo.

Dessa forma, o realismo, sustentando o caráter contraditório da literatura, surgiu como fruto do capitalismo e teve o intuito de retratar a vida burguesa, mas, ao mesmo tempo, foi capaz de representar os transtornos sociais e psicológicos causados por esse sistema predatório. Enquanto método, se desvincilhou das regras estéticas e se inclinou para representações prosaicas de pessoas comuns afetadas pelo capitalismo, foi além do feito representativo como “apenas um ato ilusório” (id., n.p).

Sendo assim, um conceito contemporâneo interessante de realismo seria tê-lo como forma subjetiva de elaborar a relação que o indivíduo tem com o contexto social no qual está inserido.

Assim é possível ultrapassar a noção de um simples processo de registro, dependendo, para sua plena elaboração, da descoberta de novas formas de percepção e, em consequência, de representação artística, ocorridas ao longo do tempo e ainda atualmente, por força, inclusive, do desenvolvimento de novas tecnologias ligadas à produção e ao consumo de arte, cultura e literatura. A adoção desse ponto de vista permite uma visão histórica do conceito, tornando-o um princípio ativo, passível de acompanhar todas as transformações da realidade na qual está inserido, tomada essa como um processo dinâmico, no qual um momento prepara o outro, mesmo que haja nesse andamento episódios e movimentos contraditórios. (PELLEGRINI, 2020, n.p)

Por esse motivo o realismo deve ser entendido como o resultado de um extenso processo histórico, sendo hoje uma força transformadora que incorpora, esteticamente, a realidade dentro de uma obra literária. Dentro dessa estética o personagem como sujeito

social está inerente à história, ele passa de “condições socialmente inferiores à posição de objetos de representação problemático-existencial” (AUERBACH, 1976, p. 440 apud PELLEGRINI, 2020, n.p).

Trata-se, no entanto, não mais de um método que pretende ser uma representação fiel da vida social. O novo realismo se apresenta mais como um referencial e, para Schollhammer (2009, p. 57), isso é em decorrência da necessidade de trabalhar o aspecto artístico da linguagem, em que o efeito emocional ocupa uma posição de maior destaque do que a questão meramente representativa. Enquanto a tradição realista privilegia o conteúdo sociopolítico, os novos realistas se atêm às possibilidades representativas e à experiência estética de seus objetos.

Sendo assim, é importante deixar claro que essa nova maneira de tratar da realidade na literatura não somente irrompeu da forma artística em si, tão pouco de um conjunto de convenções, ela

Entra-se, portanto, na questão do realismo e da verossimilhança, em que

surge como produto histórico e é uma necessidade das próprias transformações sociais. Desse modo, o processo mimético efetivado pelo realismo não é de dimensão apenas denotativa, técnica, referencial, descritiva, fotográfica: trata-se de imitação em profundidade, cuja dimensão conotativa está inextricavelmente ligada à história e à sociedade. (PELLEGRINI, 2020, n.p)

A linguagem possui um valor significativo. Para Roland Barthes (1964 apud PELLEGRINI, 2020, n.p) a obra “mais realista” não é aquela escrita como cópia fiel da realidade, e sim a que explora “mais profundamente a realidade irreal da linguagem”. Em concordância, Riffaterre (1990 apud PELLEGRINI, 2020, n.p) apresenta a verdade na ficção sendo produto da verossimilhança, ou seja, é uma concepção de verdade fundada a partir de regras gramaticais; ela é um fenômeno linguístico.

Outro ponto relevante é que, dentro do ato de referenciar a realidade, estão presentes tanto as perturbações do contexto social, quanto as tensões da própria consciência humana. É um outro percurso realizado pelo processo mimético que dá ênfase ao “monólogo interior e/ou o fluxo de consciência, a estilização, a abstração, a fragmentação, a colagem, a montagem” (PELLEGRINI, 2020, n.p).

Schollhammer (2009), p. 58) aponta que nasce da narrativa realista o fascínio pelas vozes marginalizadas, ou seja, é por meio da literatura que grupos discriminados e socialmente ignorados encontraram um espaço para existir. Ler e escrever essas vidas se

tornou um fenômeno e, quando levados para o campo da ficção, o autor chama de “literatura marginal”.

Por outro lado, há também a chamada “literatura testemunhal”, a qual se caracteriza por ser escrita pelas próprias pessoas em condições de marginalização, sem aparentes artifícios ficcionais. Essa forma de literatura se apresenta, por exemplo, em formato de texto jornalístico, histórico, autoajuda, diário e até mesmo autobiografias e biografias. Sobre essa última, o autor apresenta que houve uma demanda muito grande no mercado editorial para o gênero e que isso é um resultado direto do desejo de ter um maior contato com as mais diversas complexidades sociais, históricas e culturais.

Ao analisar algumas obras da literatura de testemunho acerca do holocausto, Meneses expõe uma série de características capazes exemplificar, de modo geral, o funcionamento dessa categoria. São elas:

a linguagem simples; a capacidade de levar o leitor a desenvolver a empatia; o comprometimento do autor com a veracidade dos relatos; o desejo de encontrar um sentido, [...] a memória; a temática sobre o trauma; os relatos sobre a desesperança; [...] Contudo, sobreviver é o objetivo. (2018, p.28)

Sobre o “comprometimento do autor com a veracidade dos relatos”, Lejeune usa o termo “pacto autobiográfico” para exemplificar essa ideia, sendo, para ele, o que difere a autobiografia da ficção. Existe então o pacto implícito e o explícito que parte do autor da obra em questão para com o leitor, em que fica estabelecido se ela é ficção ou um relato. E nessa relação a questão dos nomes próprios é fundamental, pois a identidade do autor, narrador e personagem é o que sela esse contrato. (2008, p. 33).

Então, ao diferenciar autobiografia de romance autobiográfico, Lejeune (id., p. 25) diz que este, por mais que possa levantar suspeitas, o autor escolhe negar a identidade ou escolhe simplesmente não a afirmar. No caso da autobiografia, não há espaço para escolha, se o nome do personagem e do autor forem o mesmo, o pacto está estabelecido. Dessa forma, a biografia é “tanto um modo de leitura quanto um tipo de escrita, é um efeito contratual historicamente viável” (id. p. 46).

No entanto, há quem discorde dessa implicação nominal que distancia ficção e autobiografia, como Bourdieu:

Tentar entender uma vida como uma série única de acontecimentos sucessivos sem outro vínculo além da associação a um "sujeito" cuja constância é sem dúvida aquela do nome próprio é tão absurdo quanto tentar explicar a trajetória do metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz de relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos são definidos como muitos

posicionamentos e deslocamentos no espaço social, ou seja, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura de distribuição das diferentes espécies de capital envolvidas em dado campo. (1986, p. 69-72)

Além dele, outros estudiosos não também veem uma delimitação tão exata entre os dois, como Dosse, que acredita no entrelaçamento dos dois:

O recurso à ficção no trabalho biográfico é, com efeito, inevitável na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real. Não apenas o biógrafo deve apelar para a imaginação em face do caráter lacunar de seus documentos e dos lapsos temporais que procura preencher como a própria vida é um entretido constante de memória e olvido. (2015, p. 73)

Defendendo sua posição, Dosse cita o escritor André Maurois quando ele situa o gênero biográfico “entre o desejo de verdade, que depende de um procedimento científico, e sua dimensão estética, que lhe empresta valor artístico” (1923, p. 70 apud DOSSE, 2015, p. 56). Logo em seguida traz o questionamento de se há obra maior do que escrever a vida de um homem e compara o biógrafo a um romancista, uma vez que ambos devem “expor” e não “impor” (id, p. 56).

Outro questionamento é feito por Moisés Monteiro de Melo Neto: que é para a literatura, ficção e fato quando se trata de memórias? E ele responde dizendo que é uma “verdade reinventada, mesmo que seja ao nível até mais básico da linguagem, para soar de maneira dramática, trágica ou até mesmo... cômica, jogando com a noção de realidade de modo subjetivo”.

Para François Mauriac (1939, p. 549 apud DOSSE, 2015, p. 68) “toda biografia é romanceada e não pode deixar de sê-lo”, em que a busca por uma totalidade, aqui entendida por veracidade, acaba matando a biografia. Ou seja, é incumbido ao biógrafo a tarefa solene de combinar a verdade da ficção e a verdade dos fatos, já que não são compatíveis (WOOLF, 1927, p. 213 apud DOSSE, 2015, p. 63).

Dessa forma, até o obstinado Lejeune, mesmo se chamando de ingênuo por acreditar na autonomia e singularidade que o nome o garante, ao revisitar sua obra, reconhece a aproximação do romance autobiográfico e da autobiografia e ainda aponta que o paradoxo da autobiografia literária é almejar ser um discurso verídico e obra de arte ao mesmo tempo (2008, p. 65).

Posto isso, as autobiografias são respostas às necessidades de confissão, justificação ou um novo sentido (CALLEGARIS, 1998, p. 43), o que para Foucault (1988) é um produto do sujeito moderno, intrínseco à cultura e subordinada à sinceridade que se espera dele.



Portanto, uma vez que o ato autobiográfico é historicamente datado, existem duas condições esperadas desse escrito: a recusa à uma sociedade tradicional e o sentimento da história como um caso autônomo e subjetivo (GUSDORF, s.d. apud CALLEGARIS, 1998, p. 46).

A autobiografia é o ápice da construção de si mesmo, é onde o sujeito vira seu próprio objeto. E é nessa escrita de si que são quebradas as barreiras entre ficção e real, visto que revela a falha que os dois possuem em representar plenamente a realidade. De certa forma, eles se mesclam a fim de

recuperar e fixar a imagem, sempre dispersa, de um eu coeso, uno, constante. No caos das sociedades contemporâneas, a escrita de si sinaliza para uma tentativa de organização do eu pós-moderno, descentrado, fragmentado, cujas identidades múltiplas giram ao redor de um núcleo caótico e mutante (ARAÚJO, 2011, p. 20)

O papel da memória é fundamental para a escrita de si. Primeiro porque traz a crítica da separação de realidade e ficção, quando pensamos que ela não garante fidelidade aos fatos ocorridos e que, por meio dela, somos capazes de reinventar as nossas próprias vidas, preencher lacunas. Em segundo lugar a memória é usada como ferramenta para elucidar as transformações que sofremos ao longo do tempo, ela é um repertório para (re)ler o passado e expressar o quanto somos mutáveis e contraditórios (BERGER, 1983, p. 65-77 apud VELASCO, 2015, p. 8).

À vista disso, a escrita de si é um narrar-se que não se distancia da reinvenção e, ao mesmo tempo que trata da subjetividade e intimidade de um indivíduo inserido em um cenário sócio-histórico particular, a autobiografia é uma forma de visibilizar um coletivo, dar voz, a um grupo de personalidades marginalizadas esquecidas ou escondidas. Esse é o caso, por exemplo, das narrativas autobiográficas de mulheres soropositivas.

Em sua pesquisa *Narrativas biográficas e doenças crônicas*, Souza afirma:

O ato de contar histórias e o de narrar experiências sobre acontecimentos cotidianos são fundamentais para reelaborações da própria vida e, conseqüentemente, para aprendizagens que se constroem sobre situações que nos colocam em desafios, demarcando modos de assujeitamento ou de enfrentamento, face às circunstâncias das experiências. (2018, n.p.)

Ainda acrescenta que, em casos como histórias de adoecimento, a escrita de si possibilita deslocamento, enfrentando e reconstruindo identidades. Nessas narrativas estão presentes a dialética entre público e privado, social e individual, e “marcas temporais das narrativas, de encontro aos sentidos e significados atribuídos pelos próprios sujeitos quando narram sobre suas histórias de vida, suas identidades e suas aprendizagens com o adoecimento” (id., n.p.)

Tendo em mente que a escrita de si não se constitui enquanto um gênero específico, com normas estabelecidas e rígidas, e sim uma “modalidade literária autobiográfica”, é possível que o texto assuma o caráter de depoimento, diário ou romance (ARAÚJO, 2011, p. 12). Dito isso, a pesquisa de Sousa é baseada em relatos publicados na seção “Conte sua história” da Revista Saber Viver, voltada para discussões acerca da AIDS, e ele estabelece três eixos de análise que se mostram relevantes para o estudo das demais autobiografias de mesmo tema. São eles:

O primeiro eixo caracteriza-se pelas questões sobre identidade e reconfiguração identitária, na medida em que, na quase totalidade, os fragmentos narrativos são mobilizados por aspectos relativos à publicitação ou não de ser soropositivo, como forma de preservação e de reconstrução da identidade através do silêncio e/ou do segredo que são construídos pelos sujeitos, como uma das aprendizagens com a doença, face aos preconceitos, discriminações e valores morais a que estão submetidos na relação com a doença. O segundo eixo diz respeito a aprendizagem biográfica com a doença, que aparece com frequência nas narrativas de experiências concernentes à relação médico-paciente e aos profissionais da saúde e saúde pública, adesão ao tratamento e medicamentos, assim como relações de trabalho e justiça, relações afetivas, religiosidade, fé e autoajuda, grupos de convivências, gênero, sexualidade e HIV, questões familiares, gravidez, papel das ONGs. O terceiro eixo de análise vincula-se às representações sociais da doença contidas nas manifestações de preconceitos, discriminação e segregação social, mas também implicando em modos de enfrentamento da doença, resistências e práticas de empoderamento conforme explicitam as narrativas dos colaboradores. (Souza, 2016, p. 67)

No caso das mulheres com HIV, as autobiografias se tornam ainda mais singulares a partir do momento que pouco se discute a feminização da AIDS. A epidemia carrega o peso de inúmeros estereótipos que perduram desde a década de 1980, como a de ser uma doença de homens gays e prostitutas, que fazem com que uma parcela muito significativa da população seja apagada.

Essa parcela é constituída por mulheres heterossexuais, em relacionamentos estáveis e monogâmicos, tanto de classe média quanto pobres que foram surpreendidas com um resultado positivo de HIV. As milhares de histórias dentro desse contexto culminaram no crescimento das mulheres nos dados epistemológicos, então, elas passaram a ser vistas também como vítimas do vírus.

No entanto, mesmo com essa alta, o processo pelo qual as mulheres soropositivas passam é permeado pelo silenciamento, fomentado pela culpa e pela vergonha perante a sociedade. E é por isso que as autobiografias, o exercício da escrita de si, são tão relevantes quando pensamos na literatura como prática humanizadora.

Dessa forma a literatura aparece como ferramenta que viabiliza o encontro com o outro, é essencial para a construção de uma alteridade em relação às diferentes realidades sociais. E é dessa maneira que a leitura do mundo acontece, quando uma determinada narrativa “auxilia no processo de compreensão da vida, em processo dialético entre a exterioridade do mundo e a interioridade do leitor” (FONSECA, 2020, p. 121).

Por isso é que o processo de leitura vai muito além do que apenas decifrar códigos, ela:

está intimamente relacionada ao processo de formação geral de um indivíduo e à sua capacitação para as práticas sociais, tais como: a atuação política, econômica e cultural, além do convívio em sociedade, seja na família, nas relações de trabalho dentre outros espaços ligados à vida do cidadão. (VIEIRA, 2004, p. 2)

Para Pullin e Moreira, a leitura é “decisiva para o exercício efetivo da cidadania” e é justamente a escola que ocupa um dos cargos mais privilegiados se tratando da formação de leitores (2008, p. 231). Por sua vez, Rocco aponta que, dentre as muitas interfaces trabalhadas na escola, a leitura ficcional deveria ser fonte de prazer para os estudantes, porém boa parte do sistema escolar é calcado no exercício da coerção. Sendo assim, sua crítica é a de que a escola perde seu intuito quando deixa de ser eficaz na construção de uma aprendizagem efetiva. (2013, p. 41-42).

Além de acreditar que o leitor e a leitura não vivem isoladamente, e sim que os dois são construídos mutuamente, Rocco também indica que, ao tratar da literatura e da leitura como obrigação, não há satisfação. Sendo assim, o aluno lê apenas pela exigência de responder à alguma avaliação e a prática da leitura acabada, geralmente, acontecendo em um espaço hostil, sem abertura para socialização e prazer. (id., p. 42)

Paiva e Maciel ao perguntarem o motivo pelo qual é importante trabalhar a literatura nos anos iniciais e como fazer isso, respondem:

Uma resposta possível é a de que, desde o início da escolarização, a criança tem contato com o texto literário por meio, especialmente, de materiais didáticos, e nem sempre esse contato ocorre através de uma adequada mediação. Daí a importância de buscarmos, desde as séries iniciais, uma relação literária com os textos, que transcenda suas limitações e inadequadas escolarizações. Ler literariamente esses textos, desde o início do processo de escolarização. Lê-los literariamente significa resgatar aquela configuração que foi perdida na didatização da literatura, recuperando propostas adequadas de textos produzidos para o público infantil que não limitem a condição de mais um apêndice para a aquisição da leitura e da escrita. (2008, p. 116 apud NUNES, 2019, P. 79)

Tal colocação também pode ser estendida para o ensino fundamental e médio, pois a mediação da literatura sempre deve existir na escola, principalmente para se criar um ambiente em que o senso crítico e o exercício da cidadania são incentivados.

Assim, ao tratar da literatura como instrumento que auxilia na compreensão do mundo, abordando a relevância de trabalhar autobiografias e expondo questões sobre leitura e práticas escolares, é possível falar do papel das políticas públicas para a distribuição de livros no Brasil, como o PNLD Literário 2018.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) foi criado em 1985 pelo Decreto nº 91.542, visando selecionar e distribuir obras pedagógicas e literárias para escolas públicas, além de escolas com viés comunitário e filantrópico. O PNLD Literário deu lugar ao Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), extinto em 2014, e suas orientações se aliam com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Fonseca (2020) em sua pesquisa *A presença do HIV/AIDS em obras literárias selecionadas pelo PNLD Literário 2018*, traz tanto a perspectiva literária quanto didática sobre a epidemia. Sobre este, se baseando em Bellini e Frasson (2006), ele aponta que o HIV é abordado de forma coercitiva, com afastamento, o que pode causar medo e desinformação. Outro aspecto dos livros didáticos é o uso de metáforas que associam a doença com guerra e destruição e, para Sontag (2007), essas colocações criam uma repulsa, reforçando o distanciamento entre aluno e tema.

Mesmo quando são levantadas as questões de doenças sexualmente transmissíveis, o conteúdo é meramente explicativo e a abordagem é

oriunda do “modelo biomédico” da saúde, cuja explicação da doença se dá a partir da relação existente entre seu agente etiológico e o hospedeiro nas condições naturais do ambiente, caracterizando o “ensinar saúde”. Essa perspectiva traz algumas implicações para a educação e formação do aluno. (MONTEIRO, BIZZO, GOUW, 2010, p. 135)

Posto isso, a falta ou a baixa frequência de aspectos sociais e históricos nos materiais didáticos e nas discussões em sala de aula acabam por “despolitizar” tópicos relevantes no contexto da AIDS, como SUS e direito à saúde, ressaltado por Monteiro, Bizzo e Gouw (id., p. 165).

Já no âmbito da literatura, Fonseca acredita que é também um espaço propício para a reflexão sobre HIV/AIDS, pois “pode suscitar questionamentos e compreensões sobre

gênero, sexualidade, corpo e autocuidado, questões outras colocadas também quando se discute a temática” (2020, p. 125).

No entanto, apesar de ter como diretrizes “o respeito às diversidades sociais, culturais e regionais” e “o respeito à liberdade e o apreço à tolerância”, o PNLD Literário 2018 não abordou diretamente o tema saúde, muito menos AIDS. Isso quer dizer que ainda existem limitações quanto a complexidade da pluralidade na seleção das obras e, mesmo nesse cenário faltoso, uma obra que aborda esse tema foi selecionada e direcionada para alunos de Ensino Médio: *Depois daquela viagem: Diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com HIV/AIDS* de Valéria Piassa Polizzi (BRASIL, 2018 apud FONSECA, 2020, p.124).

Com isso, ressalta-se a necessidade, não só dos programas escolherem abordar o tema AIDS de forma incisiva e positiva, mas também das editoras publicarem mais obras e textos, tanto literários quanto didáticos, para que uma discussão mais abrangente possa acontecer. Além disso, é fundamental falar do papel dos educadores em valorizar essa reflexão no âmbito social, cultural e histórico, não permanecendo presos apenas na questão biológica.

#### 4. CAPÍTULO III

Meu nome é Valéria, tenho 23 anos, altura média, magra, morena, cabelos pretos e lisos. Neta de italianos, filha de pais separados, pertencente à classe média alta. Como você pode ver, uma pessoa comum, ou pelo menos é assim que eu gostaria de ser vista. E tenho certeza de que assim todos me veriam, não fosse um pequeno detalhe: sou HIV positivo. (POLIZZI, 2007, p.7-8)

Publicado em 1997, *Depois Daquela Viagem* é o livro autobiográfico de Valéria Piassa Polizzi e nele o leitor acompanha a jornada da jovem que, aos 18 anos, descobriu ser soropositiva. A obra começa com um prefácio nomeado “Muito prazer” em que a autora coloca a responsabilidade do escrever e do não-escrever, após ser cobrada por seus amigos e incentivada pela psicóloga a colocar sua história no papel. A partir disso, é possível criar um paralelo com o pensamento de Orlandi (1993) de que o silêncio, nesse caso o não-escrever, expressa muito mais do que uma ausência, ele também é permeado por diversas significações, sentimentos e conotações políticas.

Após dizer que pensou muito nessa responsabilidade, a autora já se apresenta de forma muito direta com o trecho que abre esse capítulo, indo ao ponto da questão e se mostrando aberta para o leitor desde o início, o que diz muito sobre a forma com que ela decide construir a narrativa. Naturalmente, é narrado em primeira pessoa, possui uma linguagem simples e coloquial ao fazer uso de gírias e palavrões, contrações de algumas palavras e exagerar nas vogais para expressar intenções. Esses são aspectos que trazem um dinamismo interessante para a obra, cria-se uma atmosfera intimista, o que pode acarretar no interesse de adolescentes e jovens adultos, que são o público-alvo dela.

Com esse seu primeiro livro, Valéria diz que “depois de anos de tabu, só deu mais forças para continuar o trabalho” (POLIZZI, 2007, p.282) e começou a aparecer em grandes veículos de comunicação como *Folha de S. Paulo*, *Fantástico* e *MTV*. No ano do lançamento, seu livro foi eleito pelos leitores da *Folhateen* o melhor livro do ano e, ainda no meio jovem, a autora foi capa da revista *Capricho*, desmistificando diversas crenças acerca de viver sendo soropositiva. Posteriormente foi colunista da revista *Atrevida* e desde então participa de encontros e palestras promovendo o conhecimento sobre a AIDS.

Em suma, é uma obra que se destacou por viabilizar um diálogo mais franco sobre o tema entre os jovens e possibilitar que uma certa parcela da sociedade, mulheres com HIV, pudessem fazer parte dessa discussão, uma vez que é o primeiro livro brasileiro que tem uma figura feminina como principal.

Logo no começo, seguido de sua apresentação, ela quebra o estereótipo da pessoa soropositivo propagado na época, voltado para homens gays e bissexuais, pessoas transsexuais, haitianos, prostitutas e usuários de drogas injetáveis:

Você deve estar se perguntando agora como foi que isto aconteceu e aposto que deve estar imaginando que eu sou promíscua, uso drogas e, se fosse homem, era gay. Lamento informar que não é nada disso e, mesmo que fosse, não viria ao caso. Mas acontece que eu era virgem, nunca tinha usado drogas e obviamente não sou gay. O que aconteceu então? É simples, transei sem camisinha. (POLIZZI, 2007, p.8)

Dessa forma, inicia-se a narrativa. Em 1986 Valéria, aos 15 anos, conheceu um rapaz em uma viagem, de onde vem o nome do livro, e como ele também morava em São Paulo, começaram a ter uma relação mais sólida. Ele era 10 anos mais velho que ela e é natural que o assunto sexo surgisse em algum momento, mas a protagonista não estava totalmente pronta para essa situação e até chegou a cogitar um término caso ela não cedesse à vontade dele.

O fato é que, com a crescente epidemia da AIDS houve, concomitantemente, a chamada “epidemia de informações” (LIMA, 2006). Sendo assim, a grande mídia, que é um reflexo de preconceções sociais, teve um papel fundamental para a disseminação de informações equivocadas acerca da doença. Como foi dito, existia um grupo muito específico, o chamado “grupo de risco”, no qual recaía a atenção da sociedade quando se falava em AIDS/HIV e, sobre isso, Mendonça (2007) aponta que o que está em destaque não é o sujeito em si, mas “o atributo estigmatizador” que acarreta na “homogeneização daquele ser em uma entidade, estereotipadamente, unificada”.

Essa hipervisibilidade se desenrola em uma série de consequências. Além de anular a identidade e subjetividade do indivíduo (SOARES; BILL; ATHAYDE, 2005, p. 175), colocando-o na condição marginalizada do “outro”, fez com que a avaliação correta da patologia fosse negligenciada e que uma parcela muito importante na equação do contágio do vírus fosse ignorada: as mulheres heterossexuais em relacionamentos teoricamente monogâmicos e estáveis, como é o caso de Valéria.

Desde 1986, quando o Ministério da Saúde passou a divulgar o número de pessoas infectadas, as mulheres fizeram parte dos boletins epidemiológicos. Porém, essas mulheres estavam relacionadas com o uso de drogas injetáveis e prostituição, não com o contágio por meio de relações sexuais em uniões de vínculo afetivo. Por um bom tempo acreditava-se que a disseminação da AIDS pela relação sexual ocorria pelo sexo anal, justamente por ser associada com homem gays e bissexuais, prostitutas e comportamentos promíscuos. Tal

concepção é um reflexo direto de como o sexo é construído de forma distinta para homens e mulheres:

Sabemos que a representação social das relações de gênero reserva à construção simbólica da masculinidade certas características que propiciam ao homem um livre acesso a sua sexualidade, pensada em termos da própria exposição do homem no mundo. Ser homem em nossa cultura significa dispor de uma sexualidade em evidência, donde pressupõe-se uma relação de intensa intimidade com o prazer e a liberdade de seu exercício. Contrapondo-se a essa cultura do ser masculino, a sexualidade feminina caracteriza-se por um exercício constante do desconhecer, do silenciar, do conformar-se, inclusive diante dos processos biológicos específicos percorridos para o desenvolvimento de seu próprio amadurecimento físico. (GUIMARÃES, 1996, p.93)

Tal “caráter de pureza, ingenuidade, fragilidade e inferioridade” que rondam a subjetividade feminina afetam discussões relevantes para mulheres cisgênero, como a primeira menstruação, sexo, gravidez e menopausa (Heilborn, 1980, p. 258-259). No livro Valéria fala da sua decepção após transar pela primeira vez:

Então é isso... Nós já transamos. Mas como pode? Cadê o vinho, a lareira? Não é nada daquilo que eu esperava. Para tudo! Que estranho, que droga, que horrível! Por que é que ninguém explicou que era desse jeito? E que negócio é este de ficar me lambendo? É isso que é sexo oral? (POLIZZI, 2007, p.12)

Posto isso, fica evidente o quanto é dificultoso estabelecer um diálogo sobre sexo, especialmente sobre uma prática saudável e segura. É importante lembrar que Valéria compõe parte da classe média brasileira e que ela tinha acesso às informações acerca da AIDS, mesmo essas informações sendo ainda incertas, e do uso de preservativos. A partir disso, é possível apontar a falta de estímulo para que jovens e mulheres adultas consigam negociar o uso da camisinha, bem como a não aceitação por parte de seus parceiros:

Agora você me pergunta: onde é que estava a camisinha nesta história toda? E eu respondo: não estava. Se já existia a AIDS? Já, sim, só que era coisa de “veado”, de “grupo de risco”. E, além do mais, segundo meu namorado, camisinha era coisa de “puta”. Eu não era “puta”; logo, não precisava de camisinha. (POLIZZI, 2007, p.12)

Para Taquette (2009) a imaturidade psicossocial, a não legitimação da prática sexual e a violência de gênero são fatores que contribuem para a vulnerabilidade das mulheres na questão do HIV.

Seguindo a narração, infelizmente Valéria também entra para outra estatística, a de mulheres que são violentadas física e psicologicamente. Ela diz que em um dado momento começou a se sentir sufocada com a relação e que qualquer comportamento diferente da expectativa do namorado era motivo para briga: “Um dia era um tapa porque eu havia recebido cartas de um primo; outro dia era um soco porque eu olhara para outro cara na rua; e no final ele já estava me espancando por qualquer coisa.” (POLIZZI, 2007, p.13). O ciclo de



violência é apresentado de forma sucinta, mas bem elucidativa, ela conta que começa com um tapa seguido do pedido de desculpas com a promessa de que o ato nunca mais irá se repetir e, em seguida, uma nova agressão e assim sucessivamente.

É uma relação calcada no medo e na vergonha, que são ferramentas de manutenção da desigualdade de gênero. Valéria diz que tinha muito medo de expor sua situação por receio de ser desacreditada ou culpabilizada, o que é muito comum entre as vítimas. O cenário muda quando sua avó presencia uma das agressões e sua família a acolhe devidamente, até tentam solicitar uma ação policial, mas ela diz que não seria de grande ajuda e lamenta que ele estivesse solto.

Como o livro se propõe a ser uma espécie de diário, a autora vai passeando por outros campos que não a AIDS em si. Depois de conseguir sair do relacionamento abusivo em que estava, ela diz se sentir livre e que o ano de 1988 foi um dos melhores da sua vida. Nesse ponto são apresentados os amigos, a escola e um interesse romântico e é interessante pensar que pode haver aí um ponto de identificação com o leitor mais jovem e que também é possível enxergar esses fragmentos de cotidiano como o restabelecimento da subjetividade que foi negada à pessoa soropositiva.

Existe na narrativa, do início ao fim, uma vontade dela de descobrir um papel que poderia desempenhar no mundo, onde se encaixaria, e todo esse questionamento começa uma reflexão sobre o vestibular, o qual Valéria acha “a coisa mais idiota que já inventaram nesse mundo”. E é assim que ela vai criando um vínculo com o leitor, como quem diz: olha, eu também tenho medo e incertezas, tenho sonhos que não sei como alcançar e fico imaginando como seria se tivesse tomado outras decisões. Então, a obra tem esse caráter espontâneo que perpassa pela vulnerabilidade e que, conseqüentemente, constrói uma conexão significativa entre autora e público.

Nessa missão de se encontrar no mundo, dois anos após o término, ela escolhe ir para os Estados Unidos fazer um curso de inglês, mas antes decide cuidar de uma dor que estava sentindo. E a partir daí é possível observar o início das relações complexas que Valéria tinha com médicos, o que futuramente interferiu em seu tratamento. O primeiro médico reagiu com desdém quando ela apontou para o esôfago e disse que era lá que sentia incômodo, “Desde quando esôfago dói na sua idade?” (POLIZZI, 2007, p. 25). Pronto o resultado da endoscopia, foi constatado candidíase no esôfago, que é comum em pacientes HIV positivo, o

médico pediu mais exames e Valéria relata ter se sentido enrolada por ele pois não sabia quais exames estavam sendo solicitados.

Sobre isso Martins (2004) analisa a relação médico-paciente, na qual o paciente é colocado no lugar de submissão e tem sua autonomia abdicada. Em concordância, Guzmán e Iriart (2009) também destacam essa assimetria, para eles isso corrobora para o sofrimento da pessoa diagnosticada e ainda analisam “racionalidade da medicina em detrimento da subjetividade do paciente” (VIANA. 2021, p.101).

Depois de alguns dias Valéria descobre que é soropositivo, mas não pelo gastrologista e sim por uma conversa com seu pai, que foi o primeiro contato que o médico fez após a confirmação do exame. A respeito dessa autoridade médica, Viana (2021) destaca a Resolução n. 1.359/92, artigo 2º do Conselho Federal de Medicina que diz respeito ao sigilo profissional em relação aos pacientes com AIDS (Conselho Federal de Medicina, 1992) e ainda avalia que a dinâmica da relação da autora com o médico é influenciada também pelas noções de gênero.

Em sequência, o caminho era procurar um especialista:

Quis saber com quem eu havia transado, se eu havia usado drogas, se eu sabia se o cara com quem eu havia transado usava, que tipo de sexo a gente praticou... Me senti num banco de réus, parecia que o meu crime tinha sido transar e provavelmente a sentença seria a morte (POLIZZI, 2007, p.27)

E foi esse mesmo médico que colocou pela primeira vez na vida de Valéria a percepção de sentença de morte ao dizer: “vê se não fica encanando muito, porque tem gente que passou até dez anos sem desenvolver a doença” (POLIZZI, 2007, p.29). Pode até ser que a intenção tenha sido boa, mas é preciso entender que o paciente, após o diagnóstico, se encontra em uma situação de muita fragilidade.

Essa fragilidade é um produto da disseminação de informações sobre o vírus. Para Mann (1987) o desenvolvimento epidemiológico do HIV/AIDS possui três fases, sendo a primeira a Epidemia do HIV, a segunda a Epidemia da AIDS e a terceira é a Epidemia do reflexo da doença no campo social. Essa última é a responsável pelas crenças discriminatórias que alimentaram o medo, o moralismo e o preconceito; e dialoga com o sentido de epidemia de informações criado por Lima, citado anteriormente.

O vínculo da AIDS com a morte extrapola o campo biológico a partir do momento em que é impregnado pelo conceito de punição, advindo do estigma da moralidade. Para Sontag (2007), durante os vários períodos de epidemia na história, as doenças foram metaforizadas,

tanto na literatura quanto em outros documentos, e para o HIV a principal comparação foi com a “peste”, muitas vezes sendo anunciada como “peste gay”. Dessa forma, Sontag conclui que essa noção de peste está associada com o divino da moral cristã, mais especificamente com o castigo divino e, conseqüentemente, com a punição dos envolvidos.

Quando Foucault discorre acerca a linguagem pactuada entre discurso e poder, ele diz que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 2010, p. 10). Um exemplo disso é falsa concepção do contágio pelo sexo anal, sobre o qual Valéria manifesta bastante constrangimento ao ser perguntada se praticou, pois o olhar da médica não consegue se desprender dos valores culturais e sociais. Em suma, esse discurso errôneo se sustentou na promoção do que é socialmente aceito ou reprovado, como a homossexualidade masculina cisgênero, a promiscuidade e o uso de drogas.

Em uma conversa com um amigo nos Estados Unidos ele diz:

AIDS! Já imaginou? Já imaginou você ter que passar a sua vida sabendo que vai ficar doente, vai morrer daquilo e não pode fazer nada? Meu Deus! Olha, eu admiro essas pessoas, porque, se fosse comigo, eu não aguentaria. Dava logo um tiro na cabeça. (POLIZZI, 2007 p.133)

Sendo assim, a morte aparece como responsabilização dos indivíduos do “grupo de risco” aos atos de transgressão moral. Essa ideia de condenação é elucidada em outro trecho do livro em que Valéria é convidada a ir em uma palestra sobre AIDS e tudo o que encontra são piadas depreciativas e imagens de mau gosto.

No final senti uma enorme desesperança e pena, muita pena de todos ali. Do professor, pela sua tentativa inútil de conscientizar os jovens através do medo e de lições de moral; dos jovens, pela certeza de que nada daquilo faria com que se protegessem; e de mim, porque não tive coragem de me levantar bem no meio da palestra e contestar tudo. Pra começar, dizendo e mostrando que pessoas com AIDS ou com o vírus da AIDS não são nenhum monstro. Que só ter medo e comportamento moralista nunca havia salvado ninguém. E que as pessoas têm é que encarar tudo de frente, sem tabus e preconceitos. (POLIZZI, 2007 p.49)

Ela diz que deveria ter se manifestado, mas continuou em silêncio. O ímpeto de querer falar seguido pelo silenciamento aparece também em uma conversa com velhos amigos em que um deles, estudante de odontologia, se recusa a atender um paciente apenas por ele ser “viado” e, logo, soropositivo. Valéria rebate dizendo que um não tem nada a ver com o outro e fala para o leitor que teve vontade de revelar para todos sua condição, mas novamente se calou.

Ainda nessa conversa, o assunto preservativo surge e Valéria aponta a hipocrisia dos amigos que têm preconceito com AIDS, sabem da importância do uso das camisinhas, mas, mesmo assim, decidem não usar com seus parceiros por se sentirem protegidos dentro de uma relação estável. Em relação à noção de fidelidade, Madeira (1998) aponta que o cuidado com o HIV está ligado às relações que se fundamentam na desconfiança, ou seja, o perigo está no outro, no desconhecido e distante, o que vai de encontro ao entendimento de relacionamentos afetivos. Portanto, a fidelidade acaba virando um método preventivo, não só para AIDS, mas também para outras DST 's.

Tal ato nos faz esbarrar, mais uma vez, na construção da sexualidade masculina e feminina. Streek (2012) apresenta a “submissão das mulheres, a confiança que elas depositam em seus parceiros, a insegurança em pedir que o parceiro use camisinha” com razões da “feminização da AIDS”, que é o crescimento das mulheres nas estatísticas da doença. Além disso, nos deparamos também com a equivocada ideia de “grupo de risco”, a qual responsabiliza uma determinada comunidade pelo contágio e não comportamentos coletivos, muitas vezes ligado à vulnerabilidade social.

A errônea correlação entre o vírus e um grupo específico colabora para que a experiência da “mulher soropositiva fosse muitas vezes desacreditada e silenciada.” (VIANA, 2021, p. 108). Durante quase todo o seu tratamento, Valéria foi instruída a manter sua condição entre seus familiares mais próximos e médicos. Quando começou a fazer terapia ela diz que “durante muito tempo aquele foi o único lugar em que eu falava de AIDS. Às vezes, nem mesmo falava, mas só o fato de saber que ali dentro, pelo menos, eu tinha o direito de ter AIDS já era uma grande coisa” (POLIZZI, 2007 p.47).

E assim foi a minha primeira grande perda, e esse era só o começo, porque depois vieram muitas outras. Agora, sim, eu começava a entender o que era ter o vírus da AIDS. Os médicos continuavam a dizer que eu não devia contar “aquilo” pra ninguém. “O preconceito é muito grande”, eles explicavam. E aí eu também já não procurava mais os meus amigos (POLIZZI, 2007 p.42)

Consequentemente, o silenciamento vivenciado pelas mulheres gera o afastamento do seu meio social. Por mais que ela sentisse falta dos amigos e fizesse novas amizades, reconhecia que não se entregava completamente a elas por ter medo do julgamento e do preconceito que poderia sofrer caso revelasse que é soropositiva. Como ela mesmo diz, “mais difícil do que ter o vírus da AIDS era ter que fingir que não tinha” (POLIZZI, 2007 p.47).

Mais para o final do livro Valéria não consegue mais fingir que não tem AIDS. Ela passa por uma série de complicações em decorrência da doença e fica muito tempo internada

no hospital, o que causa a curiosidade de familiares e amigos. Contrariando o desejo da mãe, ela faz questão de que todos saibam o que realmente está acontecendo e, durante sua recuperação, já mais estável, é quando seus amigos a incentivam a escrever um livro, este livro.

Sendo assim, o leitor acompanha boa parte da trajetória pessoal de Valéria ao mesmo tempo que experiencia o contexto no qual ela estava inserida e é interessante observar o amadurecimento que a autora tem dela mesma e do vírus. Em síntese, ela termina sua narrativa bem positiva, tirando o estigma pesado que o HIV carrega:

Quanto ao resto, continuo saindo sempre com meus amigos e visitando a família inteira, viajando bastante, fazendo ginástica, natação, escrevendo, lendo, estudando, trabalhando neste livro e finalmente descobri as maravilhas do sexo seguro com alguém que me fez sentir muito bem. (POLIZZI, 2007, p. 277)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos de bons leitores da realidade e que estes estejam mais conscientes da necessidade de um Brasil melhor. (DE MELO NETO, 2021)

É inquestionável a competência que a literatura tem de nos fazer acessar realidades diferentes, — ora distantes, ora mais próximas do que imaginamos — bem como de acessar emoções e sensações apenas por meio da leitura ou da escuta. Ela mutável, um produto integral de seu tempo e nos humaniza a partir do momento que olhamos para ela como uma necessidade básica do ser humano que “nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em sequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CANDIDO, 2004, p. 179).

Em razão disso, o incentivo e a mediação de leituras desde a infância são ferramentas importantes para a formação de um leitor, de livros e de mundo. Acerca disso, este trabalho buscou não hierarquizar qual tipo de literatura é mais vantajoso para o público infantojuvenil, pois entende-se que tanto obras fantásticas e realistas são caminho para que muitos tópicos possam ser trabalhados.

No entanto, como objeto de estudo, foi mostrado que a concepção de realismo que temos hoje, até chegar a ser o que é, percorreu um longo caminho; mas nunca perdeu o intento de retratar a realidade. Questiona-se, então, se uma obra pode ser tão realista quanto a própria realidade, da mesma forma que questiona-se, também, se textos realistas como autobiografias são 100% reais ou se elas se rendem a um pouco de ficção.

Dosse (2015) acredita que sim, toda (auto)biografia tem um toque de ficção em decorrência do funcionamento da memória, uma vez que suas lacunas temporárias são preenchidas de romance. E é possível afirmar que toda vida é matéria de arte, de literatura, e que qualquer história é palco para conhecimento, amadurecimento e humanização.

Sendo assim, foi apresentada a obra autobiográfica Depois daquela viagem, juntamente com questões sociais e históricas sobre o enfrentamento da AIDS e como textos sobre esse tema são escassos ou pouco trabalhados na escola, além do papel do PNL. No que diz respeito à literatura, “a necessidade do HIV/aids ser abordado de forma multi e interdisciplinar, de forma que elementos sociais e culturais da temática sejam também evidenciados— elementos que não são levados em conta nos livros didáticos” (FONSECA, 2020, p. 125).

Por fim, defende-se aqui o uso da literatura de forma eficiente e assertiva, se afastando das práticas coercitivas que a estigmatizam como chata ou difícil; é preciso aproximar o leitor da literatura, uma vez que essa não acontece sozinha. Da mesma forma, é necessário que vozes marginalizadas sejam publicadas, lidas e discutidas, pois a humanização existe tanto pelo ato do leitor, quanto pela escrita do autor. A literatura faz existir.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, P. G. **Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira**. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BOURDIEU, P. **L'illusion biographique**. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 62-63, pp. 69-72, juin 1986. Tradução de Olívia Alves Barbosa.

CALLIGARIS, C. **Verdades de autobiografias e diários íntimos**. Revista Estudos Históricos, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DE MELO NETO, M. M. **Biografia, autobiografia, autoficção: literatura e história em entrelaçamentos vivenciais**. Editora Olyver, 2021.

DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrevendo uma vida**. 2ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2015.

DA FONSECA, L. N. **A Presença do HIV/AIDS em obras literárias selecionadas pelo PNLD Literário 2018**. Humanidades & Inovação, v. 7, n. 22, p. 118-127, 2020.L

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20ª ed. São Paulo, Ed. Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, SP: Autores Associados: Cortez, 1982.

GUIMARÃES, K. **Nas Raízes do Silêncio: A Representação Cultural da Sexualidade Feminina e a Prevenção do HIV/AIDS**. In: Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no



Brasil / Richard Parker e Jane Galvão, organizadores. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA IMS/UERJ, 1996, p. 89-114.

HEILBORN, M. L. et al. **Vivência. História, sexualidade e imagens femininas**. São Paulo. Livraria Brasiliense Editora S. A. Fundação Carlos Chagas/Fundação Ford. 1980.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

LEAHY-DIOS, C. **A educação literária de jovens leitores: motivos e desmotivos**. In: RETTENMAIER, Miguel (Org.); RÖSING, Tania M.K. (Org.). *Questões de literatura para jovens*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, C.R.M. **AIDS. Uma epidemia de informações**. 2ª ed. São Paulo, Editora Papers, 2006.

LUFT, G. **A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências**. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, p. 111-130, 2019.

MADEIRA, M. C. **A confiança afrontada: representação social da AIDS para jovens**. In: MADEIRA, M.; JODELET, D. (Orgs.). *AIDS e representações sociais: à busca de sentidos*. Natal: EDUFRN, 1998. p. 47-73.

MANN, J. **Statement at an informal briefing on AIDS to the 42nd Session of the United Nations General Assembly**, 20 October, New York, 1987.

MARTINS, A. **Biopolítica: o poder médico e a autonomia do paciente em uma nova concepção de saúde**. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v.8, n.14, p.21-32, set. 2003/fev.2004.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MENDONÇA, R. F. **Hanseníase e mundo da vida: as diferentes facetas de um estigma milenar**. *Revista ECO-PÓS-* v.10, n.1, janeiro-julho 2007, pp.120-147.

MENESES, F. R. **O holocausto como expressão do mal: literatura testemunhal e representação literária**. 2018. 379 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MONTEIRO, P. H. N.; BIZZO, N.; GOUW, A. M. S. **As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e a Aids nos livros didáticos para o ensino fundamental no Brasil: abordagens e implicações educacionais.** Acta Scientiae, v.12, n.1, jan./jun. 2010.

NUNES, B. B. P. **Sentidos da Diferença nas obras literárias do PNLD- 2018.** 2019.

ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio.** No movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.

PELLEGRINI, T. **Realismo e realidade na literatura: um modo de ver o Brasil.** Alameda Casa Editorial, 2020.

POLIZZI, V. P. **Depois daquela viagem: diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com AIDS.** 19ª edição. 8ª impressão. São Paulo. Ática, 2007.

PULLIN, E. M. M. P. e MOREIRA, L. S. G. **Prescrição de leitura na escola e formação de leitores.** Revista Ciências & Cognição. Vol. 13, n. 3, p. 231-242. ISSN 1806-5821 – Publicado online em 10 de dezembro de 2008.

RAIMUNDO, A. P. P. **A mediação na formação do leitor.** In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3., 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2007.

ROCCO, M. T. F. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto.** Série Ideias, n. 13, p. 37-42, 1994.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOARES, L.E.; BILL, M. V.; ATHAYDE, C. **Cabeça de porco.** Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.

SONTAG, S. **A doença como metáfora. Aids e suas metáforas.** Tradução Rubens Figueiredo/ Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, E. C. **Existir para resistir: (auto)biografia, narrativas e aprendizagens com a doença.** Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade. V. 25, n. 46, p. 59-74, 2016.

\_\_\_\_\_. **Post-it: Narrativas biográficas e doenças crônicas.** Linhas Críticas, v. 24, 2018.

SOUZA, F. E.; RICETTI, M. L.; OSTI, V. A. P. **A Formação Pelo Gosto da Leitura**. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia. Área de Concentração: Alfabetização e Letramento) – Centro Universitário Claretiano, Batatais, 2009.

STRECK, V. S. **A feminização do HIV/aids: Narrativas que interpelam as estruturas de poder na sociedade e igreja**. 2012.

TAQUETTE, S. **Adolescência feminina e vulnerabilidade às DST/Aids**. In: TAQUETTE, Stella(Org.). *Aids e juventude: gênero, classe e raça*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 29-40.

VELASCO, T. M. **Escritas de si contemporâneas: uma discussão conceitual**. In: Anais do XIV Congresso Internacional–Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias. Belém: Universidade Federal do Pará. 2015.

VIANA, E. S. **“O médico não acreditou que eu tivesse contaminada”**: gênero e relação médico-paciente na experiência da Aids. In: Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 13, n. 29, p. 93-110, maio/ago. 2021.

VIEIRA, L. A. **Formação do leitor: a família em questão**. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR, III, 2004, Belo Horizonte. III Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica, Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2004.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2003.